



## O SAGRADO TEM TEXTURA

*Na National Gallery,  
Francisco de Zurbarán,  
mestre do barroco espanhol,  
transforma silêncio,  
luz e contemplação  
em uma experiência  
surpreendentemente  
contemporânea*

*The Crucifixion  
(A Crucificação),  
1627*

© The Art Institute of Chicago





*Saint Casilda*  
(*Santa Casilda*), c. 1635

© Museo Nacional Thyssen-Bornemisza



*Saint Serapion*  
(*São Serapião*), 1628

© Wadsworth Atheneum Museum of Art, Hartford, Connecticut



*Saint Elizabeth of Thuringia*  
(*Santa Isabel da Turingia*), c. 1640

© Arte Ederren Bilboko Museoa – Museo de Bellas Artes de Bilbao

Há pinturas que você olha. E há pinturas que olham de volta. As de Francisco de Zurbarán pertencem à segunda categoria. A primeira impressão que causam não é de grandiosidade, mas de contenção. É justamente dessa economia de gestos, cores e movimentos que nasce sua força extraordinária.

A exposição na *National Gallery* – a primeira grande mostra individual do artista no Reino Unido – começa antes mesmo de você entrar na primeira sala. A escuridão dos corredores da *Sainsbury Wing* prepara o olhar. Quando *A Crucificação*, 1627, aparece à sua frente, você entende por que um escritor do século XVIII afirmou que quem a via, numa sacristia mal iluminada, acreditava estar diante de uma escultura. O pano branco ao redor dos quadris de Cristo cai com o peso de um tecido real.

Zurbarán, 1598-1664, construiu uma linguagem pictórica singular, profundamente ligada à espiritualidade

da Contrarreforma, mas dotada de uma materialidade quase obsessiva. Contemporâneo de Velázquez, há nele algo mais quieto, mais concentrado. Suas pinturas não disputam atenção. Não gritam. Tampouco recorrem ao excesso de movimento ou à exuberância visual que frequentemente associamos ao barroco. Em vez disso, exigem um pacto de contemplação. É preciso parar. Olhar.

Ao percorrer a mostra, fiquei com a sensação de estar diante de um artista que fala menos sobre narrativa e mais sobre presença. O claro-escuro não serve apenas para modelar os corpos; cria uma atmosfera de recolhimento absoluto. A luz não descreve formas: revela estados de espírito. As figuras emergem do fundo com uma concentração emocional que torna cada imagem quase hipnótica. Pouca ação, poucos elementos narrativos. As pinturas parecem suspender o tempo.

O que atravessa toda a obra de Zurbarán é o tecido. Seda bordada, linho grosseiro, veludo, lã. Cada super-

ficie é pintada com um conhecimento que parece vir de dentro. Em *Santa Margarida de Antioquia*, a saia de brocado dá a impressão de sussurrar ao menor movimento imaginado. O hábito áspero de São Francisco carrega o peso da penitência. O pai de Zurbarán era comerciante de tecidos – e essa intimidade com os materiais nunca o abandonou. Mas não se trata apenas de virtuosismo técnico. Em suas pinturas, a matéria nunca compete com o sagrado; é por meio dela que ele se manifesta. O sagrado, em Zurbarán, chega sempre vestido.

Uma das salas mais emocionantes da exposição reúne três grandes pinturas da ordem cartuxana, exibidas pela primeira vez em quase 175 anos. Elas integravam um retábulo monumental do mosteiro de *Nuestra Señora de la Defensa*, desmontado no início do século XIX e disperso por coleções de diferentes países. Assistir a esse reencontro vai além do prazer estético. É como ver um poema fragmentado recompor-se diante dos seus olhos.

*The Immaculate Conception with Two Boys Praying*, 1632, guarda um detalhe que detém o passo. Dois meninos rezam e, de suas bocas, saem faixas com palavras escritas, ancestral direto dos balões de diálogo das histórias em quadrinhos. Ver esse recurso surgir numa tela do século XVII, carregando não falas, mas preces, é uma daquelas surpresas que a arte reserva a quem olha devagar.

Essa mesma atenção ao mundo material alcança sua forma mais radical nas naturezas-mortas. Perto do



*The Immaculate Conception with Two Boys praying*  
(*A Imaculada Conceição com dois meninos em oração*), 1632  
© MNAC - Museu Nacional d'Art de Catalunya, Barcelona

fim da mostra, obras de Zurbarán e de seu filho Juan, morto aos 29 anos na epidemia de peste que devastou Sevilha em 1649, pedem outro tipo de contemplação.



*Still Life with Lemons, Oranges and a Rose (Natureza-Morta com Limões, Laranjas e uma Rosa)*, 1633

© The Norton Simon Foundation

Em *Natureza-Morta com Limões, Laranjas e uma Rosa*, tudo é reduzido ao essencial. Poucos elementos ocupam a tela. Os objetos não parecem fazer parte de uma cena doméstica; surgem como entidades silenciosas, dignas de contemplação. O mesmo domínio da matéria em estado puro. Um limão solitário sobre uma bandeja de prata adquire a dignidade de uma relíquia.

Essa capacidade de elevar o ordinário a extraordinário talvez explique por que Zurbarán parece tão atual. Numa época marcada pelo excesso visual e pela velocidade das imagens, seus tecidos, seus objetos, suas sombras e suas figuras continuam exercendo um impacto direto sobre o olhar contemporâneo. Não é o silêncio da ausência, mas o da presença absoluta.

*Cristo Crucificado com um Pintor* (c. 1650) encerra o percurso. Um homem com pincéis contempla Cristo na cruz. Zurbarán? Depois de tudo o que vimos, a pintura parece menos um autorretrato do que uma declaração silenciosa sobre o próprio ofício de pintar.

Ao sair, fica a sensação de que não vimos apenas pinturas, mas que tocamos, ainda que com os olhos, uma matéria invisível. Zurbarán mostra que o sagrado não está distante ou abstrato: ele se revela na densidade de um tecido, na luz sobre um objeto, na quietude de uma figura. É nessa experiência sensorial, quase tátil, que a exposição encontra seu eco mais duradouro. Aqui o divino se revela como textura.



*The Crucified Christ with a Painter (Cristo Crucificado com um Pintor), c. 1650*

© Photographic Archive Museo Nacional del Prado

**SERVIÇO**

**Zurbarán**

Até 23 de agosto

*The National Gallery*

Trafalgar Square, London, WC2N 5DN

<https://www.nationalgallery.org.uk/exhibitions/zurbaran>

*Christ and the Virgin in the House at Nazareth*  
(*Cristo e a Virgem na Casa de Nazaré*), c. 1640

© The Cleveland Museum of Art, Cleveland, Ohio

